

O PAPEL DA MULHER NO MUNDO DO TRABALHO EM ANGOLA: UMA ANÁLISE DOS DESAFIOS E PERSPECTIVAS.

Luisa Natende Yuculu¹
Joana Elisa Rower²

RESUMO

No presente trabalho estaremos analisando sobre a presença da mulher relativamente às lutas, os desafios e as ocupações de mulheres nos negócios, sejam empresariais como informais, onde as mulheres são protagonistas ou responsáveis de mudanças sociais, econômicas, políticas e educacionais. O objetivo do referido trabalho é de perceber os desafios e dificuldades das mulheres angolanas no campo de negócios. Na sociedade angolana a mulher não possui apenas uma posição específica, rompendo com a ideia de que ela pode ocupar diversos espaços que anteriormente eram ocupados por homens, com narrativas de que a mulher só deve cuidar dos serviços domésticos. Quanto a elaboração deste texto se dará a partir da pesquisa bibliográfica, que consiste na consulta de outros conteúdos já elaborados que contribuirão para a elaboração do nosso artigo, sejam eles, artigos, tese, dissertação, projeto de pesquisa, livros, sites e entre outras fontes a partir de uma visão sociológica. Quanto à natureza deste artigo é a partir da pesquisa qualitativa, tendo como finalidade na busca mais aprofunda quanto a questões sociais de forma mais subjetiva. Numa realidade em que o ramo empresarial é comum ser dominado por homens, ver a presença das mulheres ocupando também esses espaços é perceptível que num primeiro momento será um grande desafio para elas e também para os homens. Hoje em dia, mulheres na frente de organizações são perceptíveis, ao que de certa forma muitas desempenham melhor em certas áreas. 1. Barreiras Culturais: O Peso da Tradição na Trajectória Feminina; 2. A Dificuldade de Acesso ao Crédito e Recursos Financeiros; 3. Oportunidades e Caminhos para o Sucesso do Empreendedorismo Feminino em Angola; 4. Educação e Capacitação para Empreendedoras; 5. Fortalecimento das Redes de Apoio e Associativismo; 6. Políticas Públicas e Incentivos Governamentais. Portanto, a inserção das mulheres a fazerem parte de uma sociedade mais inclusiva e produtiva socialmente trouxe consigo um olhar que permitiu as mulheres desempenharem sua própria autonomia e poderem ter diversas perspectivas concernente a uma nova realidade de vida, onde elas são capazes de estabelecerem o que é viável a elas mesma.

Palavras-chave: Mulheres, Negócios, Desigualdades

ABSTRACT

In the present work, we will analyze the presence of women in relation to their struggles, challenges, and roles in both formal and informal business activities, where women are protagonists or agents of social, economic, political, and educational change. The aim of this study is to understand the challenges and difficulties faced by Angolan women in the field of business. In Angolan society, women do not occupy a single, specific position. They challenge the traditional idea that limited them to domestic duties, proving instead that they can take on various roles historically occupied by men. This text will be developed based on bibliographic research, which involves the consultation of existing works that will contribute to the construction of our article. These include articles, theses, dissertations, research projects, books, websites, among other sources, all examined from a sociological perspective. The nature of this article is qualitative research, aiming for a deeper and more subjective understanding of social issues. In a context where the business sector is commonly dominated by

¹ Estudante do curso de Sociologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. E-mail: yucululuisa@gmail.com

² Professora e coordenadora do curso de Sociologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. E-mail: joanarower@unilab.edu.br

men, the presence of women in these spaces represents a significant challenge—not only for the women themselves but also for men. Nowadays, the presence of women leading organizations is increasingly visible, and in many cases, they perform better in certain areas. The key themes addressed include: 1. Cultural Barriers: The Weight of Tradition on Women's Paths; 2. Difficulties in Accessing Credit and Financial Resources; 3. Opportunities and Pathways to the Success of Female Entrepreneurship in Angola; 4. Education and Training for Women Entrepreneurs; 5. Strengthening Support Networks and Associativism; 6. Public Policies and Government Incentives. Therefore, the inclusion of women in building a more inclusive and socially productive society has allowed them to exercise their autonomy and envision new life perspectives—where they are capable of determining what is most viable for themselves.

Key words: Women, Business, Inequalities

1-INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste na materialização de uma pesquisa que precisava ser realizada e mais ampliada, uma temática que a muito tempo venho refletir relativamente às lutas, os desafios e as ocupações de mulheres nos negócios, sejam empresariais como informais, onde as mulheres são protagonistas ou responsáveis de mudanças sociais, econômicas, políticas e educacionais. Daí que, o presente trabalho tem como objetivo perceber os desafios e dificuldades das mulheres angolanas no campo de negócios. Mulheres essas que muitas vezes não são dadas a atenção que merecem, mulheres que são responsáveis por colocar comida em casa, sejam elas casadas, solteiras, mães solos e não só, mas que são guerreiras, batalhadoras, trabalhadoras e esforçadas nos seus próprios negócios ou na frente de uma organização empresarial. A ideia principal neste trabalho é debruçar sobre os desafios e as responsabilidades que as mulheres angolanas têm ao assumir um respectivo cargo em diversas áreas.

Esta pesquisa teve a sua iniciativa no projeto de pesquisa no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades de modo geral, porém, desta vez, nos propusemos em delimitar mais o tema com foco em mulheres que são responsáveis em garantir o alimento na família e também na contribuição do setor económico do país, em diferentes áreas.

Por eu ser uma mulher que começou a trabalhar em companhia da mãe desde a adolescência para suprir minhas necessidades, fiquei pensando em várias outras mulheres que se viram obrigadas a abrir mão da sua infância, adolescência ou juventude para procurar mecanismos de sustentabilidade devido a situação financeira escassa no seio familiar, onde a única alternativa é procurar meios de sobrevivência. Ou mesmo, aquelas mulheres que sempre foram altruístas e determinadas a construir um negócio e até mesmo empresa com propósito de contribuir na sociedade angolana ao gerar empregos, pagamentos de impostos, desenvolvimento económico, social e cultural e promover inovação e sustentabilidade no país.

Desta forma, podemos fazer as seguintes questões, que seriam necessárias para pensarmos a respeito dessa temática: quem deve ditar o que a mulher deve ou não fazer? Que mecanismo precisam ser adotadas para melhor o enquadramento de mulheres no campo de negócio? O que o Estado precisa fazer para dar mais visibilidade às mulheres que atuam no mercado formal ou informal?

O nosso trabalho será elaborado a partir da pesquisa bibliográfica, que consiste na consulta de outros conteúdos já elaborados que contribuirão para a elaboração do nosso artigo, sejam eles, artigos, tese, dissertação, projeto de pesquisa, livros, sites e entre outras fontes a partir de uma visão sociológica que serviram de contributo para alcançar o nosso objetivo. Quanto à natureza deste artigo, será a pesquisa qualitativa que segundo Goldenberg (2004, p. 49), “os dados da pesquisa qualitativa têm como finalidade na busca mais aprofundada sobre questões sociais de forma mais subjetiva”.

2-UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA MULHER DE “ONTEM”

Atualmente na sociedade angolana a mulher não possui apenas uma posição específica, rompendo com a ideia de que ela pode ocupar diversos espaços que anteriormente eram majoritariamente (senão exclusivamente) ocupados por homens, com narrativas de que a mulher deve cuidar apenas dos serviços domésticos. Partindo dessa perspectiva, a ideia passou a ser encarada como natural aos olhos da sociedade concedendo espaço para dar ênfase à questão da desigualdade existente entre o homem e a mulher. Ao passo que, Domingos (2018) vai dizer que,

A naturalização e reprodução das desigualdades entre mulheres e homens têm sido reforçadas por sistemas sociais que têm como ponto de partida a ideia de género – como, por exemplo, o patriarcado. Tais sistemas contribuem para submeter as mulheres num ciclo de dominação permanente (Domingos, 2018, p.162).

Desse modo, podemos entender que as desigualdades surgiram no intuito de criar barreiras entre ambos. Por outro lado, acreditamos que seja importante entender que, diferenças entre mulher e homem sempre existirão, assim como se percebe que as realidades sociais de ambos poderão influenciar de uma forma ou de outra, porém, é necessário que se respeitem tais diferenças sem construir narrativas com inclinações de desrespeito e atributos pejorativos.

Para falarmos dos destaques das mulheres angolanas dentro do campo de liderança nos últimos 45 anos precisamos antes referenciar que Angola atravessou um período difícil com a invasão colonial portuguesa, que mais tarde levou o país a viver uma dura realidade face ao longo período de colonização, dominação e exploração, tendo como consequência a desestruturação do país assim como os danos sociais, econômicos, políticos e psicológicos causados por intervenção desumana que foi a colonização.

É importante compreendermos que as trajetórias que as mulheres enfrentaram desde a sua participação na luta contra o colono foi fundamental até na (re)construção do país depois

da independência, mais tarde a guerra civil fruto a nova perspectiva de organização de Estado. Assim sendo, sabe-se que a mulher teve a sua participação de forma massiva no que diz respeito a luta colonial e civil, para a independência de Angola,

A participação das mulheres angolanas no processo de libertação da nação, esteve vinculada a três grupos partidários que guerrilharam contra a colônia portuguesa, tal como referimos anteriormente MPLA, UNITA e FNLA. Estes são conhecidos pelas suas forças de lutar em prol de uma Angola melhor, democrático, de igualdade e de paz, mas a disputa pela liderança do país causou inúmeros danos na sociedade em geral. Cada partido possuía uma organização voltada a mulher que contribuíram no desenvolvimento do país, assim sendo, a OMA (Organização da Mulher Angolana) pertencia no MPLA, a LIMA (Liga Independente de Mulheres Angolanas) na UNITA e AMA (Associação das Mulheres Angolanas) do partido FNLA (Yuculu, 2023, p. 15 – 16).

Por outro lado, consideramos de extrema relevância entender que as mulheres antes das interrupções dos portugueses possuíam um papel fundamental nas sociedades africanas matrilineares, a mulher era compreendida pela sua resiliência e responsabilidade pela parte mais importante da comunidade, tal como Silva e Carvalho (2009) apontam,

nas sociedades rurais matriarcais, dependentes da agricultura praticada pelas mulheres, estas detinham grande prestígio. As mulheres africanas tradicionais, responsáveis pela economia familiar, possuíam poder económico e influência política. O colonialismo trouxe perda de status da mulher com repercussões nos dias de hoje, registando-se actualmente tímidas reacções destas na tentativa de o restaurar. Mas não conseguem ir mais longe devido às imposições da tradição e aos estereótipos que as remetem para segundo plano (Silva e Carvalho, 2009 p. 2406).

Dado a essas imposições, a mulher passou a ser entendida em espaços mais restritos diferente do homem, como a área doméstica, onde ela apenas cuida da família, enquanto que ao homem cabia ocupar e fazer determinadas tarefas por ser o provedor, então ele é responsável em trazer o mantimento em casa, garantir o lado financeiros da família e também o papel fundamental na tomada de decisão.

O que queremos dizer é que, tais imposições que foram implantadas através do colonialismo colocou a mulher no sentido obrigatório e também forçada a cuidar da casa. Logo, percebe-se que a ela não era permitido o direito e a liberdade de escolha, já que a iniciativa de cuidar da casa precisava vir exclusivamente dela, sem pelo menos um mútuo acordo entre o casal tal como existem mulheres nos dias de hoje que decidem por si mesmas fazerem serviços domésticos em suas casas.

3- MULHERES & NEGÓCIOS

Quando nos referimos em mulheres que estão na frente de uma organização estamos a falar das mulheres que possuem capacidades de lideranças e chefias devido a inteligência e

sabedoria, aquelas mulheres que se capacitaram sejam por meios de estudos ou familiar e lutam muito para ocupar o espaço em que se encontram. Do mesmo modo que, não podemos deixar de parte as mulheres conhecidas na realidade angolana como zungueiras, muitas dessas mulheres são responsáveis pelo sustento de suas famílias, algumas têm seus parceiros desempregados ou com baixa renda salarial. Ambas mulheres com lutas e trajetórias totalmente diferentes ou (quase) iguais e atuações profissionais distintas. São espaços ocupados por mulheres com realidades e estruturas econômicas diferentes, separadas pela hierarquia do poder financeiro, porém com propósitos quase similares, visto que cada uma desempenha um papel fundamental naquilo que exerce.

3.1 Mulher zungueira (vendedora ambulante)

Segundo Mafuani (2019, p. 65) a prática da *zunga*³ é desenvolvida à dezenas de anos, por causa do cenário que o país enfrentava, visto que o pós guerra civil fez com que várias famílias se vissem obrigadas a saírem das suas províncias para a capital devido às circunstâncias desfavoráveis, e por esse motivo, as mulheres passaram a praticar a zunga por questões de sobrevivência.

A prática da zunga é muito exercida por mulheres dentro dos mercados informais na cidade de Luanda sem uma idade legítima para praticar a zunga de acordo ao que se pode constatar na realidade. Normalmente são mulheres que transportam em suas cabeças bacias com variados tipos de produtos tidos como fonte de renda familiar, caminhando pelas cidades para realizar as vendas. Outras encontram-se nos mercados informais com direito a um espaço onde efetua o pagamento de impostos diários ou mensais aos fiscais para colocar a sua mercadoria a venda, e através dessas vendas muitos jovens conseguem terminar seus estudos, seja referente ao pagamento das mensalidades como transporte.

Ser zungueira em Angola especificamente a capital, Luanda, significa ser uma vencedora em cada final do dia, porque sua luta diária vai além de prover a família, resume também em manter a mercadoria intacta e preservar a vida apesar de ser constantemente ameaçada pelos agentes fiscais, que deveriam desempenhar suas obrigações a base de respeito e integridade humana, pelo contrário, muitas mulheres são vítimas de violência física, verbal, psicológica e em alguns casos de homicídios na via pública, “é bem comum os policiais

³ Etimologicamente o termo zunga advém da palavra zungueira proveniente da língua nacional kimbundu “kuzunga” que significa circular, rodear ou girar.

cometerem abuso, agressão contra as vendedoras ambulantes e muitas destas mulheres ao irem vender vão com os seus bebês e algumas são grávidas” (Gomes, 2023, p. 35).

Ao passo que, a justificativa da fiscalização se baseia no processo de organização da cidade capital, todavia, não tiveram um projeto estrutural para alocar todas as zungueiras e tão pouco a capacitação e técnicas de interceptação em casos específicos, assim como aponta Gomes (2023):

[...] o Estado angolano quer tirar estas mulheres da zunga⁵, mas os mesmos não garantem um lugar seguro para a venda delas, o número de mulheres em condições precárias é elevado e o número de espaços para albergar estas mulheres em um local de venda seguro são reduzidas, e deste jeito podemos notar uma certa desorganização do próprio Estado. E estas mulheres olhando nesta dificuldade e burocracia que passam para terem um espaço fixo no mercado informal, preferem permanecerem na zunga, porque muitas delas têm a zunga como única fonte de renda para poderem sustentar as suas famílias, preferem arriscarem as suas vidas com as perseguições dos policiais (Gomes, 2023, p. 24).

Por um lado, tem o Estado que usa de pretexto a ordenação de espaços onde são efetuados a zunga, ou venda de pessoas vulnerável utilizando a violência através de porrete e força física contra mulheres que lutam pela sobrevivência e por outro lado tem uma classe totalmente desprotegida e desarmada que deseja apenas procurar meios de subsistência na realidade caótica que muita população angolana vive.

3.2 Mulheres empresárias, empreendedoras ou líderes de organizações

As mulheres angolanas atualmente constituem num grande contributo para o processo de crescimento económico do país, que cada vez mais tem se tornado significativo o sistema de desdobramento no âmbito de ampliar os conhecimentos, habilidades e estratégias de negócios criadas por elas com intuito de empregar pessoas e contribuir no combate ao excesso de desemprego, assim também como o crescimento pessoal e interpessoal através de formações e capacitações que facilitam na visão mais alastrada no ramo do empreendedorismo.

O processo de inserção da mulher em lugares que anteriormente elas não estavam presentes acarretou mudanças que vêm acompanhadas de desafios, seja pessoal como empresarial ou outra área, porque significa que haverá alterações de afazeres que serão integradas na nova rotina, dado a isso, a pessoa pode cogitar em aderir, Heleno (2015) vai complementar da seguinte forma,

As mudanças geram incertezas e, por esse motivo, as pessoas resistem às mudanças, principalmente, pelo medo da perda de poder ligada ao cargo, mas também por questões relacionadas com o próprio indivíduo, como a exigência de novas

competências, ou, até mesmo, a alteração na própria forma de encarar o seu trabalho (Heleno, 2015, p. 25)

Dado a isso, podemos dizer, que quando as mulheres passaram a tomar posse de diversos cargos, sejam eles em instituições públicas, privadas ou até mesmo empreendimento próprio, tiveram inúmeras dificuldades em lidar com a realidade, não por questões intelectuais e de capacidade, mas por saberem que poderão comprovar que elas possuem requisitos necessário para exercer tal função.

4- DESIGUALDADES ENTRE MULHER E HOMEM

A diferença entre homem e mulher relativamente a privilégios, passou a ser vista como dominação de um sobre o outro quando houve intervenção do ocidente na maneira de viver e conviver nas sociedades africanas a partir da ótica do colonizador, impor o que os povos deviam ou não fazer, logo depois foi desencadeando para problemas com patamares elevados.

No entanto, apraz-nos dizer que antes da invasão dos europeus a convivência que existia entre o homem e a mulher consistia na separação de tarefas, onde cada um cooperava para o bem comum sem a pretensão de levantar discussões relativamente às desigualdades, privilégios, exploração e desvalorização da mulher. Porém, nos dias atuais vê-se mulheres levantando determinadas pautas com intuito de ocupar determinados espaços para sentirem-se inseridas e ao mesmo tempo autônomas.

A questão da desigualdade entre a mulher e o homem é um assunto que já esteve presente em diversas pautas que intencionavam procurar formas de reverter situações na época. Um dos eventos que foi realizado com finalidade de dar notoriedade a classe feminina “foi em 1985, na III Conferência Internacional das Nações Unidas para Mulheres, Desenvolvimento e Paz realizado no Quênia, tendo mulheres de diversas partes do mundo reunidas pelo mesmo propósito que era a discussão em relação a questão de gênero” (Torreão, 2007, p. 108).

Desde então, tem sido uma problemática que vem ocupando espaços de debates que visam dar a mobilização necessária, porém, percebe-se que independentemente das variadas pesquisas tocante a questão da desigualdade de gênero no mercado de trabalho, ainda constitui num vasto caminho a ser percorrido até que haja melhorias significativas. Por outro lado, vê-se a progressão que nos anos retrasados ainda não era comum, como por exemplo encontrar mulheres sendo responsáveis de setores nas empresas elegida pela sua capacidade, competência e desenvolvimento pessoal, empresárias, empreendedoras e entre outros cargos,

tudo isso associado às responsabilidades enquanto dona de casa. Da mesma forma que a desigualdade permeia numa sociedade onde a mulher compõe o grupo majoritário em termos demográficos, ao passo que ao acessar as áreas de grandes portes elas são as minorias, de tal forma que Silva, et al (2019), vão dizer que,

[...] as implicações sociais da discriminação de gênero das mulheres em Angola foi um aspecto que chamou a atenção de alguns integrantes da equipe. Embora as mulheres sejam maioria demográfica é, paradoxalmente, minoria, pois o poder econômico, político e cultural está fundamentalmente concentrado nos homens (Silva, et al., 2019, p. 02).

Em Angola, de acordo o censo realizado em 2014 pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), as mulheres representam cerca de 52% da população nacional. Essa proporção evidencia a existência de um problema relacionado à desigualdade social, que necessita ser discutido. Além disso, conforme dados do mesmo censo (INE, 2014), observa-se que a maioria das mulheres não ingressa no ensino superior ou, pelo menos, não conclui essa etapa. Ressalta-se também que a diferença entre homens e mulheres que se encontram economicamente estáveis permanece a favor dos homens. De acordo com Binga (2016), quanto ao que conseguiu colher das entrevistadas diz que,

Acerca da posição que cada gênero ocupa na sociedade, a maioria vê o gênero masculino com mais oportunidades, e percebe que as mulheres ainda gozam de menos direitos que os homens, por exemplo, por receberem salários relativamente mais baixos e, existe ainda uma grande discriminação e muita desigualdade (que apesar de implícita, encontra-se enraizada nas práticas sociais), a igualdade existe apenas no papel, mas não é efetivada na prática e o trabalho da mulher é pouco valorizado (Binga, 2016, p. 28).

De lá pra cá acreditamos que tenha tido melhoras, visto que se passaram dez anos depois do último censo, assim como o diretor do INE informou que serão feitas novas sondagens para realização do censo em 2024 a fim de saber como estão as coisas depois de uma década. Por tanto, até ao momento não foi divulgado o resultado definitivo do censo da população angolana, pois, está em falta a contagem geral e o equivalente a cada gênero específico. Vale ressaltar que a questão das desigualdades não é apenas uma realidade angolana, mas que é uma situação presente em determinadas sociedades. Binga (2016) acrescenta que,

A desigualdade de gênero está presente na maioria das sociedades e hoje, em nenhuma sociedade, as mulheres gozam das mesmas oportunidades que os homens e não dispõem dos mesmos recursos, direitos, acessos e opções que os homens, persistindo deste modo, uma desvalorização das mulheres a nível socioeconómico e político (Binga, 2016, p. 5).

Para a autora, a desigualdade não é apenas conhecida como uma realidade de uma sociedade específica, mas que, reflete nas diversas realidades em quase toda parte do mundo.

Segundo Torreão (2007, p. 113) enfatiza que “os dados estatísticos de distintas fontes dão conta de que, embora numericamente majoritárias, as mulheres padecem desigualdades e discriminação tanto nas sociedades ocidentais como nas orientais”. O que difere é a implementação de políticas públicas que o governo estabelece, assim como as várias lutas que visam combater as desigualdades excessivas no país, seja econômico, social, político e cultural, porque mais inclusão é também mais desenvolvimento e crescimento.

5- DESAFIOS

A questão de gênero dentro da sua complexidade apresenta consigo diferentes conceitos, e dentro das ciências sociais a sua abordagem é mais aprofundada. No entanto, neste tópico estaremos a tratar a questão de gênero de uma certa perspectiva, ou seja, sobre o masculino e feminino dentro da realidade angolana, visto que esse tema ainda caracteriza-se num assunto pouco debatido, partindo do pressuposto de que Angola é ainda um país mais conservador em relação a exemplo do Brasil. Desta forma, estaremos a debruçar desse assunto de forma mais específica, apontando os respectivos desafios que as mulheres enfrentam no seu dia a dia, a fim de percebermos como elas lidam com as diferenças.

Numa realidade em que o ramo empresarial é comum ser dominado por homens, ver a presença das mulheres ocupando esses espaços é satisfatório, e num primeiro momento caracteriza num grande desafio para elas e também para os homens. Hoje em dia, mulheres na frente de organizações são perceptíveis, ao que de certa forma muitas desempenham melhor em certas áreas. Então, a concorrência está cada vez mais forte em todo mundo, permitindo com que haja mais capacitações, estudos, pesquisas, inovações a fim de oferecer melhor qualidade de trabalho. Heleno (2015), acrescenta ainda que,

De facto, hoje em dia, as organizações em geral, e especificamente as empresas, vivem num ambiente cada vez mais competitivo. A abertura dos mercados e a inexistência de fronteiras veio originar uma maior facilidade nas relações empresariais e aumentar o espaço da concorrência. Numa economia cada vez mais globalizada, atravessa-se um período de mudança notório, não só no ambiente externo que rodeia a empresa, mas também do seu ambiente operativo (Heleno, 2015, p. 22)

Desafios são necessários para ascender, mostrar a si e ao mundo o quanto possui competência e habilidade dentro do seu campo de atuação e não só, principalmente quando se trata de um grupo que é minoria em determinadas áreas e que por muito tempo teve acesso limitado. Porém, se torna obstáculo quando há faltas de oportunidades e também quando as

políticas públicas criadas com finalidade de enquadramento não são devidamente executadas. Segundo o portal Correio da Kianda (2025), existem três pontos que ele vai considerar como principais desafios que as mulheres empresárias enfrentam na sociedade angolana, nomeadamente:

1. Barreiras Culturais: O Peso da Tradição na Trajectória Feminina
2. A Dificuldade de Acesso ao Crédito e Recursos Financeiros
3. Oportunidades e Caminhos para o Sucesso do Empreendedorismo Feminino em Angola
4. Educação e Capacitação para Empreendedoras
5. Fortalecimento das Redes de Apoio e Associativismo
6. Políticas Públicas e Incentivos Governamentais).

Outros desafios se impõem na necessidade de garantir os direitos das mulheres e homens à remuneração igual para trabalho igual ou trabalho de valor igual, continuar a apoiar os mecanismos tradicionais de poupança, de crédito e de empréstimo para as mulheres; e continuar a desenvolver um conhecimento mais abrangente em matéria de trabalho e de emprego, através da esforços para medir e compreender a distribuição do trabalho não remunerado, particularmente o cuidado prestado aos familiares e estimular os empregados a garantir a protecção social dos seus empregados, especialmente as empregadas domésticas (Governo de Angola, 2024).

Vale ressaltar que o governo angolano por intermédio do Ministério da Ação Social, Família e Promoção da Mulher (MASFMU) que foi criado com objetivo de levar avante as necessidades concernentes a questões familiares e especificamente da mulher ao Estado, vem desempenhando um ótimo trabalho, mas, acreditamos que ainda há muito a ser feito no que tange as dificuldades que as mulheres em geral enfrentam, especificamente empresárias e as zungueiras, sendo que “a participação das mulheres no mercado de trabalho remunerado, formal e não formal, aumentou nos últimos anos” (Angola, 2022).

Outrossim, existem ainda outros desafios provenientes do seio familiar, conjugal e social que podem afetar diretamente a mulher interessada na expansão do empreendedorismo ou até mesmo desestabilizar o psicológico, visto que a falta de apoio familiar faz com que muitas mulheres empreendedoras atravessem inúmeras dificuldades, sejam elas emocionais ou financeiras para consolidarem as suas empresas, Correio da Kianda (2025). O texto ainda segue dizendo que,

[...] a sub-representação feminina em posições de liderança e gestão empresarial não se deve à falta de competência, mas sim a normas sociais que restringem o acesso das mulheres a oportunidades económicas e de desenvolvimento profissional. Esse fenómeno é evidente em Angola, onde a presença feminina nos sectores formais da

economia ainda é reduzida, apesar do protagonismo das mulheres no comércio informal (Correio da Kianda, 2025).

Então, podemos perceber que o despreparo da sociedade em enxergar a mulher como um profissional capaz de ocupar espaços em destaques nas instituições públicas ou privadas, também dificulta no desempenho do processo de emancipação da mulher angolana.

As mulheres zungueiras, também enfrentam muitos desafios, assim como alguns mencionamos no tópico referente a essa categoria, mas que vale ressaltar que o ato de sair de casa para realizar suas vendas, requer 1- temer pela vida, visto que a perseguição da polícia fiscal é constante e muito violenta também; 2- a perda da mercadoria; 3- a incerteza de conseguir levar a casa alimentos para seus filhos, muitas delas não possuem condições de fazer compras mensalmente. Entretanto, as lutas que as mulheres enfrentam são diariamente e estão propensas às mesmas dificuldades.

CONCLUSÃO

Portanto, é de grande importância perceber que as mulheres possuem suas próprias lutas, desafios e dificuldades dentro do campo de trabalho, onde elas conseguem conciliar o trabalho como fonte de rendimento financeiro mesmo com estigmas existentes quanto ao gênero feminino associado apenas ao cuidar da casa, dos filhos e do marido. Porém, a realidade mostra que muitas dessas mulheres se vêm subdivididas em demasiadas funções, uma Mulher que é filha, patroa, mãe, tia, chefe, e entre outras mais particularidades que cada uma exerce.

No mercado de trabalho, as mulheres sofrem com segregação ocupacional, desigualdade salarial, e embora desempenhem papéis centrais nas suas famílias e comunidades, experienciam discriminação por sexismo, etarismo, maternidade, trabalho doméstico, além de assédio moral e sexual (Mbumba, 2024, P. 1).

A inserção das mulheres a fazerem parte de uma sociedade mais inclusiva e produtiva socialmente trouxe consigo um olhar que permitiu as mulheres desempenharem sua própria autonomia e ter diversas perspectivas concernente a uma nova realidade de vida, onde elas são capazes de estabelecerem o que é viável a elas mesma (Torreão, 2007, p. 102).

Desta forma, separamos alguns questionamentos que achamos interessantes trazer para provocação e reflexão, se possível posteriormente serem desenvolvidas numa pesquisa futura: 1- Quando pensamos em mulher de negócio, como a apresentamos (mulher solteira, comprometida, mãe, idade, status social, etc.)?; 2-Que tipo de trabalho ou negócio elas fazem?; 3- Quais dificuldades elas enfrentam no seu negócio?; 4- Como elas conciliam o

trabalho de outros afazeres?; 6- O que as motivou a fazerem negócios? 7- Como foi que a família, os amigos e a sociedade receberam a notícia? Por tanto, essas e mais outras questões nos levam a instigar sobre o que podemos imaginar quando pararmos para pensar até que ponto as construções sociais estão presentes nas relações humanas. Essas construções sociais podem ser compreendidas como representações sociais⁴.

Em suma, é necessário que o Estado juntamente às instituições privadas criem políticas públicas que fomentam programas de financiamentos para mulheres que precisam alavancar com o mundo de empreendedorismo, empresarial, zunga ou outras maneiras que facilitem as condições e promoção de suporte financeiro e assim contribuir na diminuição de desigualdades de gênero em diversas esferas do país e não apenas centralizadas na capital.

REFÊNCIAS

ANTÓNIO, Edna de Fátima Linda et al. **Liderança no feminino**. 2016. Dissertação de Mestrado.

BINGA, Maria Carolina Quilombo. **Mulheres empresárias, gênero e desenvolvimento em Luanda**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa (Portugal).

DOMINGOS, Willi Cardoso. **Vozes de mulheres: gênero e cidadania em Angola**. [S. l]. Revista Espacialidades v. 13, n. 1. ISSN 1984-817X, 2018. p. 158 - 181.

HELENO, Maria de Lurdes Batoque. **Alinhamento emocional da liderança na mudança organizacional – O caso dos municípios portugueses**. 2015. Dissertação de Mestrado em Gestão de Recursos Humanos. Universidade de Évora.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: **Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Editora Record 8a Edição. Rio de Janeiro - São Paulo 2004.

GOMES, Teresa Domingos. **Violência policial contra as vendedoras ambulantes (zungueiras) em Luanda-Angola**. Repositório UNILAB-Acarape 2023.

Instituto Nacional de Estatística 2024. Disponível em:

<https://360angola.com/development/census-2024-ends-mass-collection-with-77-of-the-population-listed/>

MAFUANI, Francisco Alberto. **Análise da situação sócio-económica das zungueiras como consequência da pobreza na província de Luanda**.

MAYA, Rachel. **Angola: liderança feminina e representatividade**. Superfinanças. 2025. Disponível em:

⁴ Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam

<https://superfinancas.com.br/economia-criativa/2025/03/angola-lideranca/>

MBUMBA, Elsa. Entre a tradição e a modernidade: A luta das mulheres angolanas 2024. Disponível em:

<https://mulheres.ao/sociedade/entre-a-tradicao-e-a-modernidade-a-luta-das-mulheres-angolanas>

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis. Editora Vozes, 2002.

Portal Correio da Kianda. **Mulheres em negócios em Angola: falta de oportunidade ou de coragem para arriscar?**, 2025. Disponível em:

<https://correiokianda.info/mulheres-em-negocios-em-angola-falta-de-oportunidade-ou-de-coragem-para-arriscar/>

SILVA, Amanda Sarah; FERREIRA, Maria Clemência Pinheiro de Lima; CARMO, Gisélia dos Santos Pereira. **Empoderamento da mulher angolana: Uma perspectiva transcultural a partir do projeto Eduka+ Angola**. X mostra científica de ações extensionistas. Projeto Eduka +. V. 4n.1(2019)- Edição Especial. Disponível em:

<https://anais.unievangelica.edu.br/index.php/extensao/issue/view/128>

SILVA, Eugénio Alves; CARVALHO, Maria João. **EDUCAÇÃO EM ANGOLA E (DES)IGUALDADES DE GÉNERO: QUANDO A TRADIÇÃO CULTURAL É FACTOR DE EXCLUSÃO**. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009 ISBN- 978-972-8746-71-1.

SILVA, Mara Eloise Caetano. **O Processo de Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho Angolano: Estratégias, Trajectórias e Contextos Socioprofissionais**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Lisboa 2013.

TORREÃO, Nádia. **A LIDERANÇA FEMININA NO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL FEMALE LEADERSHIP IN SUSTAINABLE DEVELOPMENT**. Revista Ártemis Vol. 7, dez 2007. Pp. 101 - 121

YUCULU, Luisa Natende. **PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA MULHER NA FORMAÇÃO SOCIAL DE ANGOLA (2002-2017)**. UNILAB-ACARAPE 2023.